

9. O PAPEL DA MÍDIA DE MASSA NA RESPOSTA GLOBAL AO HIV/AIDS

No artigo “O papel da mídia de massa nos problemas associados a HIV/AIDS na Guatemala”, a jornalista guatemalteca Laura E. Asturias destaca a importância dos comunicadores “refletem sobre sua contribuição para parar a escalada da AIDS”. Ela esclarece que “o jornalismo relacionado à AIDS não consiste em um mero fluxo de informações, mas no encorajamento de mudanças em comportamentos profundamente arraigados e atitudes que dificultam o controle da epidemia”.

A jornalista sugere algumas perguntas para aqueles que resolvem assumir este “passo adiante” na cobertura de HIV/AIDS.

É possível deixarmos nossos preconceitos de lado no momento em que escrevemos uma reportagem ou fazemos uma entrevista? Qual a nossa opinião sobre trabalhadores do sexo, relacionamentos homossexuais (masculinas e femininas) e bissexuais? Estamos cientes das estatísticas sobre abuso sexual e incesto em nossos países? E alguma vez já pensamos em nós mesmos como pessoas expostas à infecção como consequência de nossas atitudes e práticas sexuais, exatamente como as pessoas que lêem ou assistem as notícias que produzimos?

No aspecto profissional, seria pertinente perguntar a nós mesmos qual tem sido a ética da nossa mídia de massa em relação à AIDS. Nós apenas publicamos notícias quando as encontramos? Ou, pelo contrário, conseguimos reconhecer nas imensas possibilidades da comunicação de massa a oportunidade histórica de fazer nossas sociedades tomarem conhecimento da gravidade da infecção? Ajudamos a corrigir crenças equivocadas associadas à transmissão do vírus, especialmente os mitos relacionados às pessoas que vivem com a infecção? Contribuímos para reforçar o fato que a AIDS é uma doença que não discrimina ninguém - trata-se de práticas inseguras -, mas que alguns grupos estão mais expostos à infecção do que outros por causa do alto risco e da marginalidade das condições em que vivem? Temos a liberdade pessoal e profissional para usar termos relacionados ao ato sexual?

Por fim, a jornalista sugere algumas perguntas que devem guiar a atividade jornalística relacionada à AIDS formuladas por Joe Davidson, que foi repórter da sucursal em Washington do Wall Street Journal e professor de jornalismo na Universidade de Harvard em 1988.

“O que o governo está fazendo sobre a doença nas clínicas e hospitais públicos? O que o governo está fazendo sobre os orçamentos? Que tipo de educação relacionada à AIDS é fornecida a bombeiros e policiais? Esta informação é correta? Como o setor privado, empresas e pequenos negócios estão reagindo? Existem pessoas vivendo com HIV/AIDS que foram tratadas injustamente por seus empregadores? Como os vizinhos estão reagindo à presença de centros de assistência de saúde que tratam pessoas vivendo com HIV/AIDS? A AIDS é mencionada como causa de mortes nas escolas? Em caso negativo, por quê? Existem atletas infectados que desenvolvem suas atividades esportivas apesar da doença? Existem igrejas colaborando ativamente na luta? Os apresentadores e repórteres de TV e rádio transmitem informação correta ou eles constituem parte do problema?”

Como conclusão, a jornalista sugere uma lista de princípios para guiar a contribuição dos jornalistas:

O **jornalismo profissional** monitora a epidemia, assim como faz com outras áreas que afetam intensamente a sociedade.

O **jornalismo vigilante** pesquisa as autoridades governamentais para demandar a alocação de recursos suficiente para combater a epidemia e observa o uso responsável destes recursos em uma abordagem integral do problema.

O **jornalismo responsável** não permite que pequenos grupos fundamentalistas contrários ao uso de preservativos clamem pelo direito de parar campanhas governamentais de prevenção e informação que foram planejadas por especialistas e que ajudarão a salvar as vidas de milhares de pessoas.

O **jornalismo correto** não usa as vidas e imagens de pessoas vivendo com HIV/AIDS para produzir notícias sem antes lhes alertar quanto às conseqüências deste tipo de exposição. Pelo contrário, sabe que bodes expiatórios e histórias de horror não promovem mudanças de comportamento. A imprensa escandalosa vende, mas também fere a humanidade das pessoas.

O **jornalismo humano** mostra solidariedade para todas as pessoas que precisam viver com uma infecção mortal.

O **jornalismo visionário** sabe que proteger as futuras gerações começa com a proteção das crianças e jovens de hoje.

O **jornalismo consciente** não esquece sua função orientadora voltada para as transformações elementares necessárias para mudar o destino da epidemia. Também sabe que um dos principais desafios para pará-la é conseguir um compromisso firme das lideranças políticas.

Um **jornalismo alerta** enxerga através da hipocrisia e noticia em nome daqueles que não podem fazê-lo.

Laura E. Astúrias (editora@lacuerda.org) é editora da revista feminina Tertúlia (www.la-tertulía.net) e laCuerda (www.lacuerda.org), da Guatemala.

O discurso "O papel da mídia de massa na resposta global ao HIV/AIDS" foi apresentado no Fórum "Impacto social da AIDS na Guatemala" em novembro de 1998 e publicado em fevereiro de 1999 na edição da Revista SIDA Ahora, nos Estados Unidos.